

A CONTRIBUIÇÃO DA DIDÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR*

Olga Teixeira Damis* *

Desde os Jesuítas, passando por Comênio, Rosseau, Herbart, Dewey, Snyders, Paulo Freire, Saviani, dentro outros, a educação escolar percorreu um longo caminho do ponto de vista de sua teoria e de sua prática. Vivenciada através de uma prática social específica – a pedagógica, esta educação organizou o processo de ensinar-aprender através da relação professor-aluno e sistematizou um conteúdo e uma forma de ensinar (transmitir-assimilar) o saber erudito produzido pela humanidade. Este conteúdo e esta forma geraram diferentes teorias e diferentes práticas pedagógicas que ao enfatizarem ora quem ensina, ora quem aprende, ora os meios e os recursos utilizados, sintetizavam diferentes momentos da produção da sobrevivência humana. Esta variedade de teorias e práticas pedagógicas não foi criada por acaso. Do ponto de vista da produção da sobrevivência humana é através das instituições sociais que determinada relação social de produção é concretizada. A escola, a igreja, a família, por exemplo, possuem funções específicas que contribuem para estabelecer, desenvolver e manter uma sociedade. Assim, o trabalho que cada instituição realiza não é restrito, apenas, à sua prática específica. Ele possui uma finalidade social determinada pela prática que o fundamenta.

A escola, como direito de todos, foi instituída socialmente a partir da necessidade de se organizar uma forma de transmitir o saber que a humanidade sistematizou ao longo de sua existência. Esta necessidade somente ocorreu aproximadamente há dois séculos, uma vez que na sociedade antiga e medieval, por exemplo, a escola como instituição pública de responsabilidade do estado praticamente não existiu. Sendo estas sociedades constituídas, fundamentalmente, pelo trabalho escravo ou servil, nobres ou senhores de um lado, escravos ou servos de outro, as classes sociais eram bem estratificadas e a educação sistemática, como privilégio de alguns, cumpria bem a função conservadora da instituição social. Desenvolvendo e transmitindo concepções de mundo adequadas à manutenção da realidade, o pouco de educação escolar que existia, aliada ao incipiente desenvolvimento científico e tecnológico do momento dificultava a comunicação, veiculação e expansão de novas idéias e concepções produzidas.

Sócrates, Platão, Aristóteles, na Antiguidade, e Santo Tomás de Aquino, na Idade Média, representam bem o pensamento da época ao desenvolverem e difundirem, como filósofos e educadores, suas concepções de mundo. Apesar de viverem

* Comunicação apresentada no IV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino em Recife-PE entre 9 e 13 de março de 1987.

** Professora do Departamento de Princípios e Orientação da Prática Pedagógica da UFU.

em momentos diferentes, seus estudos e reflexões pedagógicos convergiram para um ponto comum: desenvolver no homem sua essência ideal de forma a atender as necessidades que as justificavam. Levando em conta a estratificação social predominante na sociedade, nesta época, o homem a ser desenvolvido era o que compunha a classe de homens livres. A ele eram conferidas todas as prerrogativas humanas.

Para Platão a educação “deve proporcionar ao corpo e à alma toda a perfeição e beleza de que são suscetíveis”¹; para Aristóteles, deve “moldar a matéria com a energia do sentido contido na noção de forma humana”²; para Santo Tomás de Aquino, deve ser “uma atividade em virtude da qual os dons potenciais se tornam realidade atual”³.

Atribuindo à essência humana um modelo ideal, idéia perfeita (Platão), uma forma que molda a matéria (Aristóteles), um ser que existe em potência (Santo Tomás de Aquino), estes filósofos-pedagogos definiram a educação do homem através de um ideal de moral, de formação do caráter, de hábitos, do domínio das paixões, da justiça, do desenvolvimento intelectual, físico e artístico, etc. Para conduzir o educando ao alcance deste ideal foi utilizada uma prática pedagógica baseada em dogmas, na autoridade do mestre, na disciplina. Seus princípios fundamentais podem ser encontrados na obra de Santo Tomás de Aquino e na *Ratio Studiorum* dos Jesuítas, embora esta última já influenciada pelo capitalismo emergente no século XVI.

Com este exemplo não pretendo confirmar, apenas, a função reprodutivista da educação sistemática, uma vez que considero existir, em qualquer atividade dirigida pelo homem, espaço para transformação. Esta é possível à medida em que o homem, como ser pensante, sujeito e objeto, processo e produto do trabalho, é o agente social, material e intelectual, capaz de analisar, compreender e contribuir para transformar a realidade a partir das contradições geradas pelo trabalho que realiza, em conjunto com os outros homens.

Por isto, assim como as instituições sociais em seu conjunto, contribuem para manter a sociedade a que pertencem, contraditoriamente, são, também, meios que podem contribuir para transformar a realidade, através de um trabalho específico. A relação de produção feudal pode ser superada pela capitalista, à medida que o trabalho conservador realizado pelas instituições sociais do primeiro desenvolveram as condições materiais e intelectuais para que novas necessidades, novas concepções, novos valores, novas finalidades gerassem o segundo.

1. LUZURIAGA, Lorenzo. História da educação e da pedagogia. p. 53.

2. SUCHOLDOSKI, Bogdan. A pedagogia e as grandes correntes filosóficas. p. 21.

3. *Ibidem*, p. 21.

Assim, durante o Renascimento, a partir do modo de produção feudal, são desenvolvidas, contraditoriamente, as condições e necessidades sociais para uma mudança fundamental na história da existência humana: o advento do capitalismo. Assim que a burguesia entre em cena, a individualidade, a igualdade e a liberdade do homem, condições para o desenvolvimento do capital, passam a ser bandeiras de luta das relações emergentes.

Se, para a sobrevivência das respectivas relações sociais de produção do mundo antigo e medieval, a educação escolar era privilégio e necessidade de determinada classe social, para atender às necessidades do capitalismo, ela foi instituída como um direito de todos. E é neste momento em que se iniciam transformações fundamentais no modo de produção da sobrevivência humana que a bandeira da democratização do ensino é levantada como responsabilidade do Estado. É agora defendida a escolarização para todos, pois a burguesia necessitava desenvolver um novo homem que pudesse contribuir para transformar, através do trabalho, as antigas relações sociais predominantes. A educação escolarizada deveria, agora, ser um direito de todos uma vez que o triunfo do capitalismo pressupunha, também, o desenvolvimento de um certo nível intelectual de compreensão do mundo.

Se agora as relações sociais de trabalho caminhavam para instituir a relação patrão x operário, a escola não poderia continuar adotando uma pedagogia fundamentada nos pressupostos e na prática pedagógica utilizada pela escolástica. Aquelas concepções de que “a verdadeira educação cumpre ligar o homem à sua verdadeira pátria, a pátria celeste, e destruir, ao mesmo tempo, tudo o que prende o homem à sua existência terrestre”⁴, desenvolvidas durante a Idade Média, necessitavam ser superadas pela concepção de “individualidade” e “do desenvolvimento humano”⁵. E, para desenvolver este homem, a educação escolar passou por transformações fundamentais, veiculando, em sua prática pedagógica, uma compreensão de homem, educação, ensino, sociedade adequada à sociedade capitalista. A nova prática pedagógica deveria, agora, levar em conta os interesses individuais de quem aprende, uma vez que as relações sociais capitalistas emergentes exigiram mão de obra diversificada. O professor não poderia mais se preocupar, apenas, com a transmissão de um conteúdo, mas, também, em tornar atraente o ensino e fácil o aprender.

Dentre as propostas pedagógicas produzidas no início dos movimentos transformadores, que atingiram fundamentalmente o feudalismo, está a de Comênio (1592-1670). Em sua *Didática Magna* (1657), Comênio lança as bases para uma pedagogia

4. *Ibidem*, p. 20.

5. *Ibidem*, p. 25.

que atende as necessidades do Capitalismo emergente. Pretendendo organizar uma reforma do ensinar dedica parte de seus estudos a esta "arte" a que ele denomina de Didática. Sua proposta pedagógica visa transformar os programas e os métodos de ensino a concepção de professor e aluno, predominantes até então.

Além de Comênio podemos lembrar ainda do papel fundamental das questões levantadas por Lutero (1483-1546) sobre as finalidades e metodologias de ensino que ainda atendiam às propostas do mundo antigo. Mesmo estando distantes das transformações que ocorreram na educação e no ensino, após a culminância dos movimentos revolucionários burgueses, as propostas pedagógicas de Lutero e Comênio foram importantes ao se constituírem em oposição à pedagogia escolástica, predominante até então. Seu enfoque, no ensinar, foi fundamental para a sociedade e pedagogia da época ao introduzir, no cenário pedagógico, uma discussão que atendeu às necessidades do capitalismo nascente.

Com estas citações não pretendo afirmar que, a partir desta época, aconteceram apenas movimentos pedagógicos que visavam transformar a escola medieval. Não podemos nos esquecer, neste momento, do papel exercido pela Companhia de Jesus, fundada em 1540, com a finalidade de lutar contra a difusão de idéias luteranas, através do ensino do catolicismo. Seu ensino, expandido pela Europa e América Latina, era fundamentado na escolástica, influenciado pelas necessidades e valores do capitalismo.

Mas, mesmo contando com o trabalho dos Jesuítas, a fim de contribuir para manter as concepções de mundo predominantes até então, novas teorias sobre educação e ensino foram elaboradas para atender aos diferentes momentos do avanço capitalista. Assim, por exemplo, Herbart (1776-1847) e Dewey (1859-1952) sintetizaram, em suas teorias, diferentes momentos históricos por eles vivenciados. Podemos citar, ainda Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827), Froebel (1782-1852) etc.

Esta diversidade entre diferentes teóricos existe porque o homem, como agente social, ao produzir um conhecimento, uma explicação sistemática sobre o mundo, o faz a partir de determinada forma de compreender a relação entre a prática específica, que é objeto de sua investigação, é a prática social global, que a fundamenta. De acordo com suas necessidades, a sociedade capitalista produz, portanto, teorias pedagógicas que visam desenvolver, na criança, a aptidão e o interesse individuais, em detrimento do Ideal de perfeição humano desenvolvido pelas relações sociais anteriores.

É assim, então, que a educação escolar desloca a ênfase, em sua prática pedagógica, de uma finalidade social para uma finalidade específica. Ou seja, a escola

secundarizou o que até então tinha sido sua função específica: desenvolver no homem, através do intelecto, suas potencialidades, e passou a se preocupar com o processo de ensinar. Na prática pedagógica esta transformação alterou a forma de organizar o ensino no que se refere a relação professor-aluno, aos procedimentos utilizados e ao conteúdo ensinado e gerou teorias pedagógicas que enfatizavam a “arte de ensinar”.

O que é ensinar? Os pais ensinam os filhos desde que nascem, os adultos ensinam os jovens, os filhos, os jovens ensinam os pais e os adultos, o professor ensina o aluno. Neste caso o ensinar pode ser tomado em vários sentidos. Mas o sentido utilizado, aqui, se refere ao ensino sistematizado, formal, o que é realizado por uma instituição social – a escola – através do trabalho pedagógico de um professor. O ensino assim compreendido supõe uma organização porque é deliberadamente sistematizado para alcançar uma finalidade.

Historicamente, a questão do como ensinar foi levantada a partir do momento em que as relações sociais de trabalho caminharam para desenvolver o processo de produção capitalista. Pois, à medida que o capitalismo está fundamentado no consumo e este, por sua vez, supõe produtividade, a instituição escolar deverá contribuir para mantê-lo enfatizando o processo de ensinar, a fim de realizar sua função com eficiência e eficácia.

Comênio, em sua *Didática Magna*, com o subtítulo, “Tratado da arte Universal de ensinar tudo a todos”, introduziu no cenário pedagógico a ênfase nos meios, no processo, necessários ao desenvolvimento social daquele momento. Assim, a *Didática* se confirmando historicamente, com um conteúdo que enfatiza a forma de se organizar o ensino se constituiu, nos Cursos de formação de professor, como a disciplina que trata dos meios, do processo, das técnicas de ensino.

Magda Soares, em seu texto: “A *Didática*, uma disciplina em busca de sua identidade”, afirma: “Se se pensar na história da *Didática*, concluir-se-à que negar o seu conteúdo instrumental, normativo e pretensamente neutro é, de certa forma, negar a própria disciplina.

Desde o seu primeiro momento, a *Didática* organizou-se como um corpo de doutrina, de prescrição. Lembre-se que Comênio definiu sua ‘*Didática Magna*’, que inaugurou a disciplina, como um artifício universal para ensinar tudo a todos. A partir daí, a *Didática* – em sua produção intelectual e em seu ensino – outra coisa não tem sido se não um conjunto de normas, recursos e procedimentos que devem (deveriam?) informar e orientar a atuação dos professores”.⁶

6. SOARES, Magda Beker. Rev. ANDE nº 9. p. 39.

Contribuir para a formação de um professor, através do ensino de um conteúdo que, historicamente, foi instituído como arte de ensinar significa ensinar a ensinar. Mas ensinar a ensinar não pode significar, apenas, o aspecto técnico de metodologia de ensino. Este, ao desvincular o como do para quê e para quem ensinar, enfatizando ora o professor, ora o aluno, ora os meios, contribui para desvincular o ensino de suas finalidades sociais. Compreender a articulação entre ensino-sociedade supõe a compreensão de qual concepção de educação, de homem, de sociedade fundamenta determinada forma de se organizar os objetivos, os conteúdos, os procedimentos e os recursos utilizados na relação professor – aluno. Ou seja, supõe compreender uma forma explícita de ensinar a partir de sua contribuição para a conservação – transformação da realidade, através de seu conteúdo pedagógico implícito.

Nos últimos tempos, à medida que o desenvolvimento tecnológico conseguiu alcançar níveis bastante avançados e a divisão do trabalho se tornou cada vez mais racional, a escola não pode deixar de cumprir sua função conservadora. Foi assim desenvolvida uma tecnologia de ensino que levou a extremos a eficiência, a eficácia, a racionalização do processo de ensino. E a Didática, como síntese de determinada forma de organizar a prática pedagógica, voltou, cada vez mais, seu objeto de estudo para os aspectos técnicos, os meios de ensino.

Mas, se de um lado esta ênfase atendeu às necessidades sociais do momento, de outro, contraditoriamente, contribuiu para colocar em questão a natureza e o objeto desta disciplina. Inicia-se, assim, a nível nacional, entre os educadores que se dedicam ao ensino da Didática, discussões e questionamentos sobre sua natureza, seu objeto de estudo, seu conteúdo.

Qual será o motivo que tem levado os educadores a questionarem o que três séculos de história confirmou?

Este questionamento está fundamentado em pressupostos mais amplos ou está restrito apenas ao que se constituiu como conteúdo de ensino da Didática? Em outras palavras, qual concepção de escola, de educação, de homem, de sociedade o fundamenta?

Os pressupostos para este questionamento não podem ser encontrados unicamente na análise do conteúdo técnico da Didática. Eles devem ser buscados na compreensão entre a relação deste com a prática social. Ou seja, na possibilidade de sua contribuição para a conservação-transformação de determinada realidade.

De um ponto de vista crítico, o objeto de estudo da Didática não pode continuar atendendo às necessidades do capitalismo e enfatizar ora um, ora outro componente

da relação pedagógica. Mesmo compreendendo que a escola não é uma instituição fundamental da sociedade capitalista (Saviani situa a educação como atividade mediadora no seio da prática social global)⁷ e que as transformações sociais podem ocorrer a partir das contradições geradas pelas relações sociais, a escola, através do trabalho específico que realiza, pode contribuir para desenvolver uma compreensão mais conservadora ou mais crítica da realidade. Neste sentido, o ensino da “arte de ensinar”, para ser crítico, não pode se restringir aos meios desvinculados dos fins sociais da educação escolar, uma vez que a escola, enquanto instituição social que transmite uma compreensão-explicação de mundo, está inserida em um contexto social mais amplo.

Assim, o ensino da Didática, ao ser organizado e desenvolvido, enquanto voltado apenas para a operacionalização do ensino-aprendizagem, desvinculado de seu conteúdo pedagógico, tem contribuído para desenvolver, no futuro professor, uma prática pedagógica mais conservadora – fundamentada em receitas – que crítica e transformadora. Esta, ao assumir determinada forma de ensinar – seja, por exemplo, do ponto de vista de sua organização, ao enfatizar o planejamento e os procedimentos utilizados; seja da aprendizagem, ao enfatizar o aluno, suas necessidades e interesses; seja da transmissão-assimilação de conhecimentos, ao enfatizar o conteúdo de ensino; ou seja até mesmo do ponto de vista da descrição de seus aspectos históricos, filosóficos, sociológicos – sem considerar o seu conteúdo pedagógico implícito, desenvolve uma compreensão neutra, abstrata da “arte de ensinar”. Pois todo ensino, do ponto de vista de sua forma explícita, possui um conteúdo pedagógico implícito, uma concepção de homem, de educação, de sociedade que o fundamenta.

Assim, por exemplo, um professor de literatura, além de transmitir um conteúdo específico sobre esta área do conhecimento humano, transmite também um conteúdo pedagógico implícito, veiculado através da forma utilizada para ensinar. Contribuir, portanto, na formação do professor, ensinando Didática, significa desenvolver no aluno uma compreensão articulada entre determinada forma explícita de ensino e o conteúdo pedagógico implícito que é por ela veiculado. Compreendida desta maneira, a Didática pode contribuir para transformar a prática pedagógica da escola à medida que desenvolver uma compreensão articulada entre seu conteúdo de ensino e a prática social, enquanto pressuposto e enquanto finalidade da educação.

7. SAVIANI, Demeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. p. 120.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1980.

SOARES, Magda Beker. A didática: uma disciplina em busca de sua identidade. **Revista Ande** nº 9. São Paulo, 1986.

SUCHOLDOSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. Lisboa, Livros Horizontes, 1978.